Fim do cirurgião-geral?

O terceiro milênio reserva para a Medicina a mecanização, a robotização, nanotecnologia e outros instrumentos destinados ao diagnóstico e tratamento de incontáveis patologias. Já na primeira década espraiam-se, por modernos hospitais, equipamentos com capacidade resolutiva incrível quase sem dano ao paciente. Ai, estão as TC, ressonância magnética em campo aberto, *multi-slice* etc., detalhando doenças não detectadas por aparelhos "antigos". Aqui estão os "robôs" – cirurgiões de metal – que atingem com notável precisão regiões inimagináveis e com tal ajuste que nenhum cirurgião convencional, por mais habilidoso e atento, consegue superar.

Esse avanço gradual, rápido e contínuo à disposição dos países mais ricos e desenvolvidos, aliado ao aparecimento de novas especialidades e subespecialidades acabará por transformar o médico em um mero tocador de piano, onde as teclas dos computadores substituirão os sons dos instrumentos e produzirão imagens magnificamente nítidas de patologias microscópicas, restando ao homem-médico apenas o privilégio de as interpretar.

O alcance de tais e tantas conquistas excluem os miseráveis, que continuarão miseráveis, sem o anti-helmíntico, o antianêmico e os nutrientes básicos para pelo menos sobreviver, e mais, acabará por extinguir especialidades que ainda desempenham papel importante no trato de doenças próprias do subdesenvolvimento, entre elas a figura do Cirurgião-Geral.

Aos poucos e não faz muito, outras especialidades surgiram e cresceram, abrangendo setores onde pautava esta especialidade com desenvoltura e competência, usando táticas e técnicas que tornavam o Cirurgião-Geral mais um artesão do que um profissional de saúde. Entre outras, a proctologia, que, além das patologias orificiais, ascendeu aos cólons e há quem diga que mesmo o apêndice cecal, por fazer parte anatomicamente do ceco, também a ela pertence, indeferindo ao cirurgião-geral o direito de operá-lo, mesmo quando inflamado. Outra especialidade surgida por sua excelência que mais "empurrou" o cirurgião-geral para o "vazio existencial" foi a vídeo-cirurgia. Pinças, cautérios, tesouras, câmaras, tela de vídeo, instrumentos cada vez mais aperfeiçoados, cirurgiões cada vez mais treinados, manipulando magistralmente o material, empurram o cirurgião convencional para um número cada vez menor de procedimentos, graças às vantagens a ela pertinentes, sobrando talvez a cirurgia traumática e a unha encravada.

Contudo, toda a parafernália existente e por existir não conseguirá substituir a relação médico-paciente: ou seja, jamais substituirá essa relação, quando elementos outros que envolvem afetos, sentimentos, solidariedade entram no jogo de comportamento recíproco, algumas vezes imprescindíveis. As ferramentas que compõem os aparelhos não têm e não transmitem o calor que o toque manual recebe e transmite durante o exame semiológico. Os aparelhos são peças frias. A palavra, a mão do médico são condutores quentes, que podem não curar, mas aliviam o sofrimento e o terror da morte eminente. Que nos socorram a modernidade, que a engenharia genética alinhe a gene "distorcido", que novos inventos sejam incorporados ao armamentário médico para que se possam corrigir os desarranjos embriológicos ou artificiais, produzidos por poluição, envenenamento das águas, do ar, mas que permaneça como primeiro desiderato a afeição e dedicação aos nossos pacientes. As gerações futuras compartilharão com mais e outros tantos inventos que a mente humana é capaz de produzir e terão a satisfação, tais como as gerações presentes e do passado, de poder aliviar a dor e o sofrimento e curar seus semelhantes com ou sem o auxílio das máquinas.

Prof. Carlos Cleber Alves Nunes
CRM-2863
FFFCMPA

19-carta-ao-editor.pmd 329 18/12/2008, 15:42